



Apresenta

Caminhos da Redenção

Lázaro Chaves

Introdução

Há discussões bastante sérias nos meios acadêmicos e mesmo religiosos sobre se os homens fazemos a nossa própria história ou se somos meros atores (como marionetes) de uma peça cujo enredo desconhecemos. Há consenso num ponto pelo menos: Cada indivíduo sozinho é responsável pela sua própria história. Raramente a escreve. Aqui está uma tentativa de escrever em modulações variadas a história de que tenho sido protagonista até os dias de hoje.

Apresento ao leitor uma miscelânea de contos, crônicas, poesias e ensaios breves, seguindo um ordenamento que julguei o mais adequado para tanto.

Ocorreu-me de trabalhar com certa temática mais séria a que dei prosseguimento ou ilustração através de um conto ou poema num determinado momento, ocorrendo o oposto em outro, poesia ou conto ilustrado por tema consideravelmente sério. Encontrará aqui também contos dentro de contos, além de redundâncias as mais diversas que se explicam pela dificuldade de comunicação usualmente encontrada. Algo que almejava ver bem compreendido é apresentado de diversas maneiras e reiteradamente.

Normas de etiqueta erudita sugeririam informar onde está o ficcional e onde começam os relatos verídicos. Na prática, uma dificuldade, algumas passagens de minha própria experiência existencial são melhor compreendidas quando em formato de conto ou crônica, o real, por outro lado, por vezes supera em muito as imaginações mais delirantes, o que faz os relatos mais objetivos parecerem coisa mesmo da esfera do ficcional.

Dizem que aquele que transmite uma mensagem deixa de ser dono dela, cabendo aos interpretadores ultrapassar os limites de consciência possível do autor. Que assim seja, então.

Ao final da coletânea - ou deveria enfatizar, miscelânea - arrolo a bibliografia que consultei tanto para elaborá-la quanto para inspirar-me. Possivelmente haja cometido alguma omissão, embora tivesse me esmerado muito no cuidado com relação a este ponto. Rogo, portanto, àquele que acompanhar a leitura, que seja compreensivo e mesmo compassivo para com eventuais omissões se, apesar de todo o cuidado, não pude localizar a fonte de onde extraí alguns dados ou expressões peculiares.

Aforismos da modernidade

Nem tudo o que causa escândalo é verdade, radical, mas o que não causa escândalo algum neste mundo de falsidades e hipocrisias é, obrigatoriamente, mentira!

Deixa tua LUZ brilhar mais que as trevas que te cercam!

Se tens traçada uma meta, um ideal, se sabes, enfim para onde vais, ainda que seja difícil, hás de conseguí-lo. Se não sabes sequer para onde, como hás de chegar a qualquer ponto?

Ó povo estúpido que conservas o que precisa ser renovado e vives a renovar o que se deveria conservar, quando tereis juízo?

O capital se alimenta de mediocridade. Os que não blefam, os que não se curvam ao bezerro de ouro chamado Mammon, os crítico-libertários, enfim, são considerados, via de regra, bestas obscuras, quando não mentalmente nefandos.

A maioria pediu que soltasse Barrabás, a maioria apoiou a ditadura hitlerista na Alemanha, a maioria delirou com Stálin na então União Soviética, a maioria acredita em seus governantes. A maioria, em síntese, nunca tem razão!

Há muito de suspeito naquilo que todos dizem. Em geral, onde está o excesso de concordância acrítica, está também a falta de inteligência, o comportamento bovino ou como dizia o grande tricolor Nelson Rodrigues, “toda a unanimidade é burra!”

Quando os pequenos se unem no ideal de uma vida mais cômoda - e são maioria - fica muito difícil trabalhar em prol da grandeza e dos grandes ideais, pois os mesquinhos tudo farão para não deixar seu pequeno mundo. Pequeno, mas confortável.

“Cambalache”, esta gíria portenha dá bem idéia de como estão as coisas hoje em dia. Tudo fora do lugar, tudo de cabeça para baixo. Os loucos acusando os humanistas de “loucura”, isso quando ocorre de não tomarem a direção do hospício.

Toda e qualquer pessoa ou instituição que prospere (“enriqueça” ou coisa que o valha) dentro dos marcos do atual modelo econômico e social vigente, faz

mais que reificá-lo: insere-se decidida e resolutamente em sua defesa na prática, mesmo que o critique na teoria.

Entre a mão tácita do amor jovem e a mão jovem do amor tácito.

Reforma agrária: Dai-me terras, sementes, uma enxada, uma foice e um martelo: construirei assim a mais linda das florestas de pão. E nela a minha casa, a minha felicidade, o meu amor...

As pessoas precisam, até para que possam estruturar-se “bem” psiquicamente, estraçalhar com a reputação de quem querem despedir-se. Não basta dizer “obrigado, adeus”. É preciso que acreditem, com todas as fímbrias de seus seres que ‘tratava-se de um(a) calhorda, já o sabia...”

Objeções à ortodoxia freudiana:

1 - A “ajuda” psicanalítica visa, em última instância, permitir ao “paciente” gozar do convívio social, por mais que a organização social esteja insatisfatória. Mas se foi justamente a (des)organização social vigente que o levou a precisar daquela “ajuda”... Qualquer reformador social, poeta, profeta ou artista que se submeta a qualquer forma de psicanálise estará “matando” justamente a sua fonte de sabedoria, de inspiração, de... loucura mesmo!

2 - O psicanalista, através de um sofisticadíssimo jogo de poder, trata-se a si mesmo, sentindo-se incrivelmente bem se comparado ao lamuriento farrapo humano que se desmancha sob o seu olhar de esfinge...

Bilhete aos stalinistas: acho que já deu para perceber que não é expurgando, calando, coagindo ou assassinando pessoas que se prova a veracidade de um certo ponto de vista, ao contrário! O caminho da verdade está em outra direção...

Morra o inferno. Faça-se o sonho!

Não mais fugas ou adiamentos! Se não eu, quem? Se não agora, quando?

Caminhos da Redenção

Um breve diálogo

“Eis aí o triunfo da publicidade na indústria cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais que eles, ao mesmo tempo, decifram muito bem.”

Adorno/Horkheimer

Tricotando em frente à TV, Cláudia concentra-se em pelo menos três coisas ao mesmo tempo: como a mocinha deve agir para, maquiavelmente,

capturar o arredio galã na novela, quantos novelos de lã serão ainda gastos na elaboração do casaco que lhe encomendou Ivã, um ex-namorado daqueles que não largam do pé e, fazendo um paralelo com a novela, planeja a confecção de um pulôver para Francisco, gesto tático que considera fundamental para conquistá-lo.

Neste momento chega à sua casa Ivã, que se aboletara do Rio de Janeiro até lá somente «para ver como estava andando o serviço de seu casaco». Não se vai do Rio a São João de Meriti corriqueiramente por motivo tão banal, claro está. Cláudia sabe que ele ainda nutre por ela algum sentimento mas, de sua parte, já nada mais existe, afinal, em suas duras palavras ao término do namoro, «Ivã não passa de um fracassado, que nem mesmo carro tem». De toda forma atende-o com cortesia, como sempre faz; após três anos, briguinhas à parte, alguma amizade remanesce...

Já chega sentenciando: _ Você está destruindo a mente com essa porcaria! Bota aí um bom filme do Costa Gavras no videocassete ou ouça um CD do Pablo Milanés e manda o Sílvio Santos catar coquinho!

Não dá, querido - ela sempre utiliza esta expressão quando deseja alfinetá-lo - preciso terminar o seu casaco e se puser um filme no vídeo, terei de ficar lendo legendas e aí é que o serviço não anda mesmo; aliás, quem é Pablo Milanés? Aquele chato que só sabe falar de revolução? Como foi um presente de despedida, até tentei ouvir, mas concluí que só me deu para chatear, tenho outras preocupações em mente para ficar pensando, como você, em salvar a humanidade... Mas não se preocupe, não me deixo influenciar por estas bobagens de televisão, não, é só um passatempo...

_ Passatempo perigoso - torpedeou! - essa gente procura ensinar como é que se deve pensar, agir e até sentir! Depois você internaliza todas estas bobagens e as põe em prática como se suas fossem, só ajudando com isso a manter as coisas como são. Reificar esse mundo fantasioso de novelas só serve aos interesses dos poderosos. Além disso, eles embalam o espectador num sentimentalismo piegas para deixá-los mais receptivos à porcaria que vendem nos intervalos, mesmo que você não o perceba.

Não seja tão rabugento, Ivã! Um dos motivos de vocês, que se dizem de esquerda, se darem tão mal em política no Brasil é que só sabem criticar e reclamar de tudo, enquanto estes, que você chama de poderosos - com nítida inveja, isso sim - se apresentam lindos e maravilhosos, falando de sonhos, esperança, harmonia, beleza, paz... E depois, por que não manter as coisas como estão? As chances são iguais para todos e esse papo de revolução ou transformação é conversa de perdedor. Se você não consegue ter aquilo de que precisa, busque os motivos dentro de você mesmo e pare de, por pura inveja ou incapacidade, viver querendo quebrar ou subverter tudo! _ Mãe! - dirige-se à pessoa no cômodo contíguo - olha só o modelito da Thalia, que gracinha! Você conhece aquele ponto?

“É mesmo difícil”, fecha-se sorumbático Ivã, “ela não consegue enxergar a injustiça social a que estamos todos submetidos e que impede terminantemente a prosperidade econômica não a alguns, mas à maioria! Mas tem alguma razão quando critica nossa rabugice; de fato temos sido incapazes de demonstrar o quanto agimos e pensamos pelo bem da maioria, da verdadeira fraternidade entre todos quando lutamos por abolir privilégios classistas, quando lutamos por justiça social. Programas de televisão são, em geral, situados em shopping centers, mansões, praias maravilhosas e o

trabalhador médio só consegue compreender disso tudo que, somente com o fruto de seu esforço laborativo nada conquistará para si ou os seus, que jamais obterá um mínimo conforto material (salvo raríssimas exceções que confirmam a regra geral) unicamente trabalhando honestamente. Daí tantos jogos, tanta desumanidade. Se os “de cima” agem de maneira desumana, aqueles que não conseguem altos lucros com “maracutaias” passam a apelar para a ignorância, a ignorância a que foram submetidos desde a infância... O sujeito vai aprendendo que precisa “ser esperto”, “levar vantagem em tudo, certo?”, dar golpes, enfim, como ensinam *ad nauseam* as novelas ou mesmo a atitude complacente com que os sucessivos desgovernos deste país tem tratado alguns canalhantropos verocidas. Só assim, convence-se o trabalhador ou desempregado, só mesmo através de meios eticamente condenáveis, poderá ele fugir do mundo **falso** da favela em que mora ou dos camelôs por que passa todos os dias e conquistar o mundo **real** das mansões, carrões e praias maravilhosas. Que devastação! Quantos cérebros mais não estão sendo deseducados neste mesmo momento...”

Dona Maria serve um autêntico cafezinho brasileiro que, embora de qualidade inferior àquele que é exportado, dado seu esmero, fica saboroso. Todos trocam mais algumas palavras e alfinetadas e Ivã se vai, meditando em seus temas prediletos: “A Vida, o Amor e a Morte”. Na verdade, no ponto em que hoje se encontra, Cláudia não é mais para ele que uma frágil ponte, através da qual ainda mantém algum contato com o pensamento geral da gente comum do povo brasileiro.

Uma Pequena Cidade

“Que saudades do meu escritório de folhas de zinco e sarrafos às margens do rio Pardo...” Euclides da Cunha

O pai de Ivã, um obstinado Engenheiro Eletrônico que, à época do “milagre econômico brasileiro” conseguira prosperar incrivelmente, chegando a ser, ali por volta de 1971, um dos mais importantes empresários cariocas, foi atingido simultaneamente pela glória e pelo câncer - a mais temível das doenças da época - que, em dois anos, corroeu seu corpo, sua pequena fortuna e arremessou sua família à órbita econômica do filho mais próspero, Malcon, funcionário de um Banco em São José do Rio Pardo. Ivã, o mais velho dos filhos, então com 15 anos, muito apegado ao pai, caiu financeiramente com ele sendo arremessado no mercado informal de trabalho, passando a trabalhar numa pequena gráfica clandestina, afeito que era às letras. Quantas e quantas famílias por este Brasil afora sofreram e ainda sofrem até hoje as causas da crise do tal “milagre”... Aquela família foi submetida à dor suplementar da perda do seu chefe justamente no momento em que a inflação retomava sua escalada temível.

São José do Rio Pardo é uma beleza de cidade, com um povo simpático e amigável, 48 mil habitantes, orgulhosa por ser ponto fulcral da gesta de uma das mais importantes Obras da literatura científica mundial; chamam-na, em seu

hino, com justeza “o berço de Os Sertões”, pois foi às margens do rio Pardo entre 1898 e 1901 que o Imortal Euclides da Cunha deu forma final à sua Obra máxima. Camponeses, com seu empenho e dedicação obstinada, são o principal esteio de sustentação da enorme riqueza que circula na Região e faz dali um local atípico em termos de Brasil. Tem como carros-fortes de sua economia a cebola, uma das maiores unidades fabris da Nestlé do mundo e um sistema elétrico privado há mais de um século funcionando excepcionalmente bem.

Cidade situada numa das regiões mais férteis do globo terrestre, consta que seja uma das primeiras do Brasil em número de automóveis por habitante e os rio-pardenses têm o orgulho suplementar de serem pioneiros republicanos. Ananias Barbosa, Francisco Glicério e um grupo de entusiastas da república anteciparam-se em três meses ao Brasil, criando a “Cidade Livre do Rio Pardo” a 11 de agosto de 1889. As forças monarquistas reprimiram brutalmente os republicanos mas, quando a república se consolidou em novembro do mesmo ano, aquelas tiveram de submeter-se aos revoltosos.

Ivã morou em São José por seis meses contados. Após a morte do pai, tornou-se taciturno, amedrontado, um tanto tímido, recluso aos livros mas transformava-se numa verdadeira “fera ferida” quando agredido por alguma brincadeira de mal-gosto.

Durante o dia, numa gráfica clandestina próxima à Igreja Matriz, elaborava material de propaganda de lojas, panfletos apócrifos, coisas assim. Foi ali que começou sua paixão pelo jornalismo, chegando até, mais tarde, a aproximar-se do tradicional jornal “Cidade Livre”. Passou a nutrir amor cada vez maior pela palavra escrita; lia muito. Os mais velhos, com quem tinha de disputar por vezes posição no serviço, sempre o intimidavam mas, aprendendo a utilizar cada vez melhor as técnicas e procedimentos práticos para a elaboração de textos, cartões de visita, calendários, convites, anúncios, panfletos e até cartas de amor conquistou o respeito de seus competidores e considerável reconhecimento profissional; na mente de Ivã as alternativas eram: tornar-se cada vez melhor ou sucumbir. Gostava de parafrasear Euclides neste ponto - coisa muito comum em São José, aliás - que certa vez, em sério pronunciamento na Academia Brasileira de Letras disse: “Ou progredimos ou desaparecemos!”

À noite, estudava. Obcecado pelo mesmo tipo de intimidação que sofria no trabalho, entre colegas e professores percebia que a “regra” era a mesma e somente encontrou refúgio e segurança nos livros. Sua capacidade intelectual, a partir daí, começou a ser um tanto mais respeitada. Também naquela pequena escola, cujos professores eram, em sua maioria, cristãos, Ivã era compelido irresistivelmente a “ser o melhor”; só assim lograva conseguir respeito frente a seus pares e superiores.

Nos fins-de-semana, as missas na Matriz eram as principais atividades sociais da pauperizada família de Ivã. Era daquele meio que teria de sair sua esposa, “uma jovem cristã fervorosa, boa e honesta”, assim ensinavam os padres. E a Bíblia, a “palavra de Deus”, “a verdade absoluta e incontestável”, tinha de ser memorizada, pelo menos em alguns de seus trechos, considerados mais relevantes.

Logo surgiu sua primeira crise: o comportamento rapinante necessário no serviço, onde freqüentemente é preciso mentir, passar a perna nos outros, e ser mau para sobreviver, algo absolutamente incompatível com as propostas

do humanismo cristão que, por sua vez, era inaplicável na prática diária de relações com pessoas “intimidantes”. Por outro lado, a aproximação mais estreita - porque estudada com mais afinco - com as ciências, trazia uma série de dúvidas quanto à existência de uma “verdade absoluta” e até mesmo a existência de um Deus.

Uma crise com pelo menos três orientações conflitantes uma prático-pragmática, uma cristã e uma científica - conduziu Ivã a seu primeiro impasse na vida.

Após muito meditar, optou pela ciência, passando a desprezar significativamente as considerações teológicas mais afastadas da vida prática. Só muito tempo depois encontrou as “pontes” que possibilitam a reconciliação entre a ciência social e a fé, a partir de estudos propostos pela Teologia da Libertação.

Regresso

“Thalassa! Thalassa!” Xenofonte

Concluído o segundo grau com especialização em eletrônica em Mococa, cidade vizinha a São José do Rio Pardo, retorna Ivã a beira-mar, Rio de Janeiro, sua terra natal. Foi contratado como técnico para a manutenção dos telefones internos do maior hospital carioca. Ali trabalhava de dia, continuando seus estudos à noite, agora aproximando-se da filosofia visitando, sempre que podia, a família e seus muitos amigos rio-pardenses com quem conversava, em geral, chamando sua atenção para a nova tendência humanista radical, cobrando dos republicanos de agosto de 1889 o mesmo pioneirismo, só que agora na direção do humanismo.

Apesar dos esforços dos brasileiros mais patrióticos, abnegados, dedicados e éticos, em 1989 o povo brasileiro elegeu um canalhantropo verocidade, via o verdadeiro humanismo na proposta de seu opositor que chegou apenas perto do sucesso...

As propostas por melhoras sociais no Brasil e no mundo devem ser aquelas oriundas da sensibilidade. Ernesto Che Guevara dizia ser a sensibilidade o principal traço caracterológico a ser buscado num governante. Textualmente: “Deixe-me dizer, com o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor. É impossível pensar num revolucionário autêntico sem esta qualidade...” Nossa proposta, hoje, deve ser a de fazer ver à população, a despeito do poder da mídia eletrônica no Brasil, que só está capacitado para representar o povo (enquanto este não estiver dotado de condições objetivas e subjetivas de gerir a si mesmo) aqueles que são verdadeiramente sensíveis à dor humana de um país como o nosso, tão prenhe de disparidades sócio-econômicas, de desigualdades e injustiças.

Em meio a tais propostas, particularmente voltadas a reacender a chama da sensibilidade nos corações endurecidos das pessoas e, “de lambuja”,

fazendo uma homenagem à sua amada, escreveu Ivã um breve libelo pacifista em forma de conto, intitulado “Anjos da Paz”;

Anjos da paz

“A grande maldição foi afastada. É no amor humano reside a toda a força de regeneração do mundo!” André Breton

A idéia partiu de Cláudia, uma jovem muito linda, com olhos de paraíso, cabelos de ouro e trigo, transparente e inocente como um sonho. Perfeita “mulher-criança” na mais elevada acepção bretoniana da expressão, forte em sua ternura, nobre em seu amor, incapaz de compreender o ódio entre as pessoas, as discriminações, as guerras... Lançou um “Manifesto às Mulheres do Mundo”, conclamando-as todas a um movimento internacional pela paz no mundo, baseado no Amor à Vida.

Assinado com anagramático pseudônimo, dizia mais ou menos o seguinte:

“Minha irmã,

Nós, mulheres, somos fonte de Vida. Em algum momento de nossa existência nosso corpo traz à luz um novo ser humano que amamentamos e de que cuidamos até que possa viver por seus próprios meios. Biologicamente dedicadas à geração e aos cuidados com a Vida, temos o dever de fazer o que possível nos for para deter este massacre planetário contra o humano, onde há guerras, fome, violência, xenofobia, miséria, prostituição, toxicomania, enfim, vivemos num mundo em total desequilíbrio.

Convoco-a, minha irmã, a uma reunião na ONU o mais breve possível para discutirmos meios de interromper estas oferendas profanas aos deuses do ódio, da destruição e das guerras, levando-as ao Deus de Amor à Vida.

Ansiosa por sua resposta com sugestões e propostas sou,

TRILIASTAS”

O curioso manifesto, enviado a todos os meios de comunicação oficiais e oficiosos do planeta, via Internet em todos os idiomas, encontrou extraordinária repercussão. Assim nasceu o contingente que mais tarde ficou conhecido como “Anjos da Paz”. Após um trabalho absolutamente louco (se a “razão” conduzia os povos à guerra, só mesmo através da “loucura” se poderiam encontrar formas de libertação).

De todas as partes do mundo chegavam voluntárias ao movimento erótico-lúdico-onírico-libertário conclamado - e isto é o mais sublime - precisamente por uma jovem de coração puro!

Inicialmente eram cerca de 1.500 os “Anjos da Paz”, as jovens dispostas a, pelo Amor, anular os poderes das nefandas divindades da guerra. A elas

uniam-se contingentes cada vez maiores e mais entusiásticos, corajosamente interpondo-se entre os litigiosos, onde quer que houvesse ódio e destruição. Jovens norte-americanas encontravam o amor de suas vidas entre bravos iraquianos; belíssimas odaliscas mouriscas despiam seus véus e antecipavam aos ocidentais a visão do paraíso, brancas beldades nórdicas uniam-se em amor aos turcos outrora segregados em plena Alemanha, sensuais ashantis africanas dissolviam o ódio dos corações neonazistas com o poderoso arsenal de sua ternura, meigas e sorridentes gueixas orientais uniam-se em amor aos chineses, bósnios e croatas, judias americanas desafiavam as leis de sua fé e se uniam em amor aos palestinos, o mesmo acontecendo entre palestinas e judeus. Pelo mundo todo, a festa do Amor pleno se realizava, sonho de milênios. Franceses e alemães, judias e jordanianos, líbias e italianos, cubanos e norte-americanas, quantos casais felizes, quanto amor verdadeiro compartilhado, quanta festa!

Em meio a tanto amor, a tanta festa compartilhada, a horrenda divindade da guerra e suas correlatas foram literalmente aniquiladas! Nesse instante as autoridades convocam uma reunião internacional para discutir os termos da paz, dos novos rumos da civilização mas.... que surpresa! Ninguém tem tempo ou disposição a prestar atenção às autoridades... O Amor vence a guerra, o ódio, a intolerância, o autoritarismo e tudo o que os gera. Nada mais natural, portanto, que felizes casais apaixonados, deixem de prestar atenção às tais autoridades...

Esponaneamente, muito mais eficazmente que se fosse combinado, muito mais eficazmente que se fosse coisa decidida em “reuniões de gabinete”, todos passam a dedicar-se à reconstrução da harmonia perdida.

Envergonhados do passado, como crianças peraltas arrependidas de uma tola infantilidade, todos os casais do mundo dedicam-se, com suas proles, a “derreter suas armas e delas forjar arados”, como Isaías havia previsto; tanques de guerra são convertidos em tratores para arar a terra - que passa a ser de todos, porque é de Deus e Deus habita o coração de cada humano... - fábricas de armas químicas são convertidas em fábricas de medicamentos, de implementos agrícolas e alimentos; bombas, fuzis, metralhadoras, balas, minas, estátuas de homens raivosos portando armamentos são fundidos e refundidos em símbolos de Amor e Paz como cupidos, pombas... Na ONU uma das mais belas peças de Rodin é reproduzida com material oriundo dos armamentos usados nas últimas guerras e, numa placa de bronze sob a estátua de Rodin, O Beijo, fica a inscrição: “Tributo aos ANJOS DA PAZ e sua iniciadora. Somente uma mulher-criança, pura, sensível e inocente poderia liderar o processo de redenção daquela época selvagem!”

Dos céus um coral de anjos envia sua luz a todos os homens de boa vontade no mundo, muitos deles já atuando em nosso meio há muito para auxiliar no restabelecimento da Harmonia, da Fé, da Paz... Seria Claudinha um destes anjos?

Obstinação

“Não conto gozar a minha vida,

**nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande!
Inda que para isso
Sejam meu corpo e minha alma
A lenha deste fogo
Só quero torná-la de toda a humanidade!
Inda que para isso tenha de a perder
como minha.”
Fernando Pessoa**

Na tênue linha entre a busca de uma Companheira que o plenifique, o complete - que o ser humano nasce radicalmente incompleto, “pela metade” nesta dimensão - e a luta pelo aperfeiçoamento das Instituições Políticas Brasileiras, segue Ivã batalhando.

Conversando com Cláudia, ficou indignado com seu declarado “maquiavelismo”, voltado à conquista de um ser humano rico, sem qualquer consideração de cunho ético, sequer com relação ao Amor correspondido.

Imagina que o ser humano recém nascido é como uma bolota frágil, constituída como que por um floco de algodão (algo bom, cálido, macio). Logo ao nascer o bebê é submetido a um tratamento particularmente cruel, para quem acaba de sair do universo amniótico, começa a chorar vigorosamente em protesto e já inicia o processo de construção de defesas contra as inevitáveis agressões do meio humano hostil em que penetra, começa a construir suas couraças caracterológicas. Com o correr dos anos, aquele pequeno floco de algodão se recobre de arame farpado e vai se protegendo como pode. Em graus variados de sofisticação, encontram-se aqueles que conseguem recobrir ainda suas proteções farpadas com uma fina camada de espuma artificial (o chamado verniz social). Quem se lhes aproxime, percebe a maciez da superfície. Se procuram penetrar um pouco mais fundo em suas personalidades, encontram as pontas do arame farpado e só muito amor humano pode fazer com que se suporte a dor da travessia das farpas protetoras e se alcance o calor, a bondade e a maciez existente no núcleo de todo o ser humano.

Esta visão, exageradamente otimista do que se poderia chamar de “natureza humana”, torna incompreensível a enorme satisfação que a maioria das pessoas encontra em “jogar” umas com as outras, em provar que são mais espertas e capazes de espetar mais fundo e melhor que alguns raros tolos incautos...

Mas será mesmo tão absurdo assim imaginar um mundo em que as pessoas se pautem mais pela busca do que de bom possa haver no homem do que na busca do mal? Haverá no mundo um meio de superar esta ambigüidade, estas manobras e mesmo “táticas de guerra” para conquistar seres humanos a fazer seja o que for por um preço? Será que as pessoas estão todas à venda?

Em certa ocasião, Ivã quase foi agredido fisicamente por chamar a todos os colegas que com ele tomavam um chopinho a beira-mar de “prostitutos high-tech”; disse-lhes Ivã: “_ O que nos diferencia no Modo de Produção Capitalista é que parte do corpo vendemos a quem, por quanto tempo, que preço e para qual finalidade...” A radical e profunda união com outrem, algo tão sublime, reconciliação absoluta do ser humano com a Natureza, perda momentânea dos

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

